

Um Griô no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará: Descartes Gadelha, os Catadores de Jangurussu e o Maracatu Solar em exposição (2010).

CAROLINA RUOSO*

Em 2010, a exposição “*Os catadores de Jangurussu*” esteve pela segunda vez em cartaz no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC). Um projeto de Descartes Gadelha sobre os moradores do antigo “lixão” da cidade de Fortaleza. Anunciou a matéria do jornal Diário do Nordeste, do dia 20 de outubro de 2010, intitulada “*Arte, realidade, emoção*” (ARAUJO, 2010). Nos anos de 1980, Descartes desceu até o Jangurussu, pois após perceber uma paisagem alterada do pôr-do-sol, seguiu sua força poética. E, assim, partiu habitar a vida dos catadores de lixo, não era mais o degradê do céu que procurava mas o degradê da cidade de Fortaleza. Com a sua pintura havia decidido construir outras narrativas sobre a vida na cidade em que morava. *A Cidade queimada do sol* explodia pela combustão do gaz metano e escorria o chorume, próprio da decomposição do lixo.

Geni Sobreira registrou no seu blog Turismo Cultural Sustentável de base Comunitária, além de algumas fotografias, o seguinte comentário sobre a abertura da exposição:

O Museu de Arte da Universidade do Ceará apresentou dia 18/10/ 2010 pela segunda vez a exposição individual de Descartes, artista renomado da cultura cearense, griô do maracatu solar, essas obras foram expostas há 21 anos atras, mas continua um tema muito atual "Jangurussu" e nossa problemática do lixo e ecologia e um tema que desperta curiosidade e atenção da população e do mundo. Descarte como sempre muito humilde e simpático com os convidado e alunos da UFC batucou e dançou com o maracatu Solar, Pingo de Fortaleza e Calé Alencar. foi um começo de noite muito agradável e marcante para nossa cultura. descartes integra a representação de artistas do Ceará, assim como na cultura, percussão e divulgadores da cultura afrobrasileira. (SOBREIRA, 2010)

Sobreira situa no tempo a produção de Descartes, mostrando como o presente dialoga com o passado. Depois de 21 anos em que esta exposição foi apresentada e com 12 do processo de urbanização do Jangurussu, a problemática do lixo e da ecologia estariam muito atuais e, por este motivo, despertaria a atenção da população. Geni nos mostra que conhece o

* Historiadora (UFC) e Mestre em História (UFPE). Doutoranda em História da Arte pela Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, sob orientação do professor Dominique Poulot. Bolsista do programa de doutorado pleno no exterior da CAPES.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Descartes do Maracatu Solar, músico e conhecedor da cultura afrobrasileira, destacou a autora do blog. No dia 15 do mesmo mês a blogueira havia publicado um convite anunciando a *“Apresentação do Maracatu Solar e Catadores do Jangurussu - Obras de Descartes Gadelha nesta Segunda 18/10 no MAUC”*:

É com alegria e energia de sempre, mais com o olhar de reflexão e engajamento social de nosso Maracatu Solar e da Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR, que convidamos a todos os Brincantes, amigos e simpatizantes deste Maracatu a prestigiar a ARTE de nosso polivalente Griô Descartes Gadelha, Artista de muitas Artes. Na Abertura da Exposição: Catadores do Jangurussu, no Museu de Arte da UFC, nesta segunda dia 18 as 17h, teremos a Apresentação de nosso Maracatu Solar, que irá saudar com loas e batuques a "Criatura e o Criador", já que nós do Maracatu Solar também somos cria deste grande criador das Artes. Grande festa da Cultura!!! (SOBREIRA, 2010b)

O Maracatu Solar e os Catadores de Jangurussu são apresentados neste convite como obras de Descartes Gadelha, que estariam sendo apresentadas naquela segunda-feira de outubro. Não parece haver distinção entre as pinturas e o maracatu, não existe esta dúvida como problema das artes e dos museus. Os brincantes estão sendo chamados à prestigiar a arte do Descartes, o maracatu ao mesmo tempo é obra, ao mesmo tempo é saudação, homenagem ao reconhecimento do artista, com as suas loas e batuques. A exposição é vista como um momento de comemoração, sendo difundido como uma grande festa da cultura. Em nenhum momento vemos a preocupação em referir-se ao Maracatu Solar como patrimônio imaterial no museu, não foi mencionado na reportagem de Mayara Araújo, nem no blog sobre turismo sustentável e comunitário de Geni Sobreira e nem no site do MAUC. Porquê o Maracatu Solar não precisou ser nomeado de patrimônio imaterial? Porquê não houve um debate a respeito da importância da presença do Maracatu no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará? Vamos aprofundar estas reflexões um pouco mais adiante.

O relato de Geni nos mostra como o artista não está sozinho, são indícios como este que nos levam a compreender o seu fazer-se artista no coletivo. Descartes Gadelha nasceu em 18 de junho de 1943, no mesmo ano em que aconteceu o primeiro Salão de Abril. Os textos que fazem referência a sua biografia, trazem as lembranças dos desenhos caricaturais dos amigos da rua, feitos nos muros perto de casa. Destacam o curso de pintura feito com o artista Zenon Barreira em 1962. Em 1963 Descartes realizava a sua primeira exposição no Mauc *“Paisagens Cearenses”*. Depois foi fazer a travessia: circulou pelo mundo. Segundo o artista Carlos Macedo (2012)

Gadelha é também escultor, compositor, percussionista, escritor, artesão, inventor, estudioso e propagador de cultura, mas não é multimídia. Também não é próprio dizer que é artista completo, porque soar arrogante demais para um sujeito que transitou vida inteira de chinelo e bermuda pelo “Beco dos Pintos”. Descartes Gadelha é um Griô.

Descartes é um Griô, assim conclui Macedo ao buscar palavras para qualificar o artista. Segundo GERHÄUSSER (2004) o termo “*Griot*” é uma variação da forma original em francês “*guiriot*”, tendo aparecido pela primeira vez no século 17. Foi identificada, principalmente, nos relatos de viagens de François Alexis de Saint Lô e Michel Jajolet, Sieur de La Courbe. Os estudos sobre as raízes desta palavra são bastante controversos, mas de acordo com a teoria mais difundida, introduzida por Henri Labouret em 1951, tratar-se-ia de uma palavra de origem portuguesa: “criado”. As explicações que buscam definir Griô são diversas, sendo muito reducionista, defini-lo como um saber reservado aos músicos laudatórios endogâmicos da África Ocidental, assim ficou conhecida a noção fixada pelo etnólogo Tal Tamari. Existem, aproximadamente, vinte palavras africanas que precisam a condição de griô, continua Gerhäusser, variando segundo as atividades que lhes são atribuídas como: porta-voz, conselheiro, genealogistas, estes são reconhecidos como guardiões da memória e das tradições; de acordo com as regiões, com as etnias e as categorias: que podem ser de músicos, de laudatórios ou de dançarinos, por exemplo.

Christina Gerhäusser pesquisou a representação dos griôs na literatura colonial francesa, entre 1815 e 1916. Analisou 40 obras literárias que faziam referência aos griô, entre as quais 19 foram publicadas no século XIX, interpretou as diferentes imagens que foram elaboradas por estes escritores a respeito do griô: mendigo, explorador ou parasita. O desprezo dos autores pela prática da endogamia, é um exemplo. Entre os diferentes registros sobre o desprezo, a autora destacou desprezo dos outros membros das sociedades africanas em relação ao griô, mas também o desprezo do próprio autor francês. Estes viajantes ao elaborarem as suas narrativas acumularam julgamentos implícitos e explícitos enfocando os griôs de maneira negativa, mas também contribuíram para a construção de um inventário de saberes a respeito dos diferentes griôs. Vestígios que podem ser lidos, estudados, arguidos e interpretados à contrapelo, situando os autores na condição de padres missionários, militares, estrangeiros e colonizadores. Desse modo as pesquisas elaboradas a respeito dos griôs, depois dos anos de 1950, quando estes passam a ser estudados pelos etnólogos, transformam-se no tempo e, hoje, ao falarmos de um diálogo entre África e Brasil, percebemos uma apropriação do ser griô a

partir de um projeto pedagógico realizado por uma organização não governamental.

No Brasil houve nos últimos anos uma apropriação do termo griot devido ao fato de a tradição oral ser bem presente na cultura popular brasileira, (...) é preciso nascer griot para ser um e não se sabe da vinda de alguma família griot para o território nacional desde a invasão dos portugueses. Essa apropriação revela no país a sede da cultura popular em valorizar e enraizar sua história, visto que já existem pontos de cultura, leis de incentivo e até editais trazendo a palavra “griô” na forma aportuguesada. Hoje já existem mais de 650 griôs mestres e aprendizes em todo país, construindo uma pedagogia e uma política nacional de cultura de transmissão oral e conseqüentemente uma outra tradição diferenciada do griot africano, outra vertente, todavia, o contato e o conhecimento com essa tradição africana evocaram no Brasil movimentos que têm a finalidade de propagar a cultura e a tradição oral. (SANTOS, 2010)

Com a aprovação da Lei 10639/03, a partir da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, tornou-se obrigatório, em todo o currículo oficial da Rede de Ensino, o ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira”. A pedagogia griô (PACHECO, 2006) foi desenvolvida pela ONG Grãos de Luz e Griô, na cidade de Lençóis Bahia. No ano de 1999, o projeto do velho Griô foi pensado para ser realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Lençóis, junto aos professores da Rede Municipal de Ensino. Um velho Griô começou a visitar as escolas e comunidades contando histórias e cantando, construindo um novo lugar para a escuta das tradições populares. Depois do ano de aprovação da lei sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, projeto Ação Griô Nacional é definido como uma ação compartilhada no âmbito do Ministério da Cultura através da Secretaria de Cidadania Cultural, SCC-MinC e o [Ponto de Cultura Grãos de Luz/Lençóis-BA](#). E tem por objetivo preservar as tradições orais das comunidades e valorizar os Griôs, Mestres e Aprendizes enquanto patrimônio cultural Brasileiro.

Então, Descartes Gadelha é valorizado como griô brasileiro, ressignificado a partir das referências africanas que circulam no Brasil. A presença marcante do Maracatu Solar na abertura da exposição é porque este Maracatu Solar é um programa de formação cultural continuada da Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR, na qual atua Gadelha. Segundo o release da Associação SOLAR:

O Maracatu Solar, idealizado e fundado em 2006, por um grupo de artistas ligados a SOLAR, tendo como presidente o cantor e compositor Pingo de Fortaleza, e o Griô Descartes Gadelha na sua concepção rítmica e estética, estreou no Carnaval de Rua de Fortaleza em 2007, com o tema "Maracatu Solar", contando com a participação de mais de 150 brincantes. O maracatu SOLAR tem sua musicalidade inspirada nos batuques do Maracatu Az de Ouro executados entre as décadas de 40 e 50 do século passado, e sua concepção estética de figural (ao contrário das fantasias já consideradas tradicionais do maracatu cearense, com forte influência das escolas de samba e dos vestuários medievais) faz referências maior a cultura Afro-Brasileira e a artesanaria Cearense. Estes dois fatores combinados, ritmo acelerado tocado em comum com o andamento lento, e fantasias leves, podem ser consideradas as características mais

marcantes do Maracatu Solar, já que em suas estruturas de alas e figuras principais reproduz o cortejo tradicional do maracatu cearense: baliza, porta-estandarte, índios, balaieiro, negras, casal de preto-velhos, baianas, corte, batuque e tiradores de loas. Outra característica marcante do Maracatu Solar é a não utilização do "Negrume" no rosto dos seus brincantes, e a prática de pinturas tribais ancestrais e individuais pelo seu coletivo de participantes.

Como podemos ler neste informativo a respeito do processo de criação do Maracatu Solar, podemos compreender o papel que Descartes desempenha como músico, instrumentista, compositor e pensador crítico do lugar dos maracatus na tradição de Fortaleza. Também é Griô transmissor dos saberes, educador musical e dos saberes ancestrais. Nesse sentido, ao apresentar-se no Mauc com o Maracatu, estaria Descartes realizando uma ação Griô? Não era uma encenação do Maracatu Solar, era um momento de festa, de alegria, de comemoração e aprendizado. Maracatu e Griô, são atividades que são entendidas como patrimônio imaterial, no caso do programa da Associação SOLAR, poderíamos classificá-lo nos planos de ação de salvaguarda, pois trata-se de formação de novos brincantes. A presença do Maracatu Solar na abertura da exposição em análise neste texto nos convida a pensarmos sobre o lugar do patrimônio imaterial no museu (CARVALHO, 2011). Neste caso não houve uma perda do valor do Maracatu para que o mesmo pudesse entrar no museu ou qualquer elaboração de uma cenografia para colocá-lo em exposição. O Maracatu ocupava lugar na cerimônia, fazia parte do conjunto das homenagens, também não era espetáculo?

Não era uma exposição que pretendia contar a história deste maracatu, nem o projeto de formação de uma coleção do mesmo. Neste caso, o maracatu estava na função do entretenimento? Não, como podemos ver no depoimento da Geni Sobreira, os brincantes do Maracatu sentiam-se parte daquele momento, naquele dia todos eram estrelas brilhantes¹. A entrada de Descartes Gadelha no Mauc, junto com outros brincantes do Maracatu, fazia parte da programação do Mauc. Todos aguardavam a chegada dos brincantes para que o evento acontecesse com a participação de todos. O convite divulgado no blog da Geni Sobreira, convidada aos brincantes para entoarem loas e batuques. A presença de batuques no museu no momento da vernissage é uma conquista, mas nem sempre foi assim. Quando Helio Oiticica entrou na vernissage da exposição *Opinião 65*, exposição realizada no ano de 1965 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apresentando pela primeira vez ao público os seus *Parangolés*, "*Oiticica provoca os limites institucionais e cria o único "incidente" da mostra*,

1 Estrela Brilhante é o nome de um dos grupos de Maracatu fundado nos anos de 1950 em Fortaleza.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

que entraria para a história, ao trazer para o vernissage passistas da Mangueira, os quais foram impedidos de entrar no museus” (COUTO, 2012:71)

Considerando que depois de quase cinquenta anos depois do incidente provocado por Oiticica, é possível entrar no museu com brincantes de maracatu, quais seriam os desafios para os museus no século XXI? Talvez no caso desta exposição não seriam os brincantes o outro da história narrada. Estariam os brincantes no entre lugar ou no entre outro? Afinal, os brincantes entoam loas e batuques de frente para *os olhos dos catadores*, uma das telas pintadas por Descartes Gadelha. Seriam os catadores estes outros, aqueles que não atravessaram o entre lugar? São os catadores que não podem entrar no museu do século XIX? Descartes ao realizar as pinturas sobre os catadores de Jangurussu, escolhe narrar as histórias das pessoas invisíveis na cidade urbanizada, buscando construir um registro das cenas que observava e decidia tornar vestígio, indícios daqueles que estavam silenciados. Foi no ano de 1989, que esta exposição aconteceu no Mauc pela primeira vez, era o ano das primeiras eleições diretas para presente do Brasil, depois do período da ditadura civil-militar. Foi neste mesmo ano que Jorge Furtado escreveu e montou o roteiro do documentário “*Ilha das Flores*”, onde um narrador conta a trajetória do tomate, até chegar no depósito de lixo do mesmo nome.

Em 1978, quando o Jangurussu transforma-se no novo destino dos resíduos, 80 catadores aproximadamente, mudam-se para o local, mesmo com as tentativas de controle do poder público, em 1993 haviam 626 catadores, segundo dados da Secretaria de Infra-estrutura municipal. No entorno do lixão, os catadores passaram a construir seus casebres, estabelecendo-se próximos ao local de trabalho, podendo contar com os serviços das crianças e idosos. Além dos catadores, haviam depósitos controlados por atravessadores, que adquiriam os recicláveis e revendiam às empresas recicladoras. O lixão também garantia aos catadores, alimentos para o consumo próprio e objetos de uso pessoal. Havia os catadores especialistas, como os interessados em madeiras, ou as costureiras que criavam roupas a partir da coleta de retalhos. No ano de 1998, o Jangurussu foi urbanizado, depois de atingir 40m de resíduo acumulado. (IZAIAS, 2008)

A estudante de jornalismo Raphaele Batista que visitou a exposição, conversou com o Diretor do Museu Pedro Eymar, escreveu no seu blog um texto apresentando as suas impressões sobre a visita à exposição que estamos analisando, escolhemos o trecho em que a autora, ensaia uma explicação para a vivência de Descartes durante o ano em que passou

morando entre os catadores no aterro do Jangurussu:

A mostra revela que as mazelas presenciadas por Descartes Gadelha durante o ano em que viveu no Jangurussu rendeu-lhe muito mais que quadros. Numa espécie de “diário de bordo”, ou de obras, ele conta as histórias por trás das telas: as motivações para retratar este ou aquele catador, as vivências cotidianas, as reflexões durante o processo de produção. Os escritos aproximam ainda mais o espectador da obra contemplada. (BATISTA, 2010)

Raphaelle com o seu relato demonstra como ela percebeu o trabalho de curadoria e de concepção da exposição, estando atenta aos escritos de Gadelha. Para a estudante havia um interesse de Descartes, em elaborar uma escrita que contasse e desse voz aos catadores do Jangurussu. A escolha de apresentar ao leitor da exposição os registros que contam a trajetória de cada um dos quadros, do processo de construção das pinturas, revela uma intenção da parte do curador de descrever um artista pesquisador. Descartes ao pensar seus projetos exercita seu olhar inquieto: em 1978 produziu pinturas que mostravam as pessoas comuns e os trabalhos não formais, em 1989 os catadores de jangurussu e em 1991 realizou um trabalho de pesquisa em artes, narrando nas telas uma história da prostituição em Fortaleza, são exemplos da busca do artista em produzir uma narrativa das histórias marginais.

Na continuação do seu testemunho, Raphaelle descreve como a exposição foi pensada, quais os temas que foram propostos, deixando um registro escrito de como foi a sua experiência museal:

A mostra recepciona o visitante com o Olhar do catador, como na tela *Olhos do lixo*. Outro espaço monta um tipo de Geografia do lixo, com quadros de perspectivas mais amplas do ambiente, proporcionando uma visão do que era o aterro do Jangurussu. É lá que está o quadro *Pôr do Sol atrás da rampa*, que sintetiza o começo e o desenrolar desse trabalho de Gadelha. As duas maiores salas da exposição carregam o contraste: uma traz obras de cores vivas, a outra de cores cruas retrata cenas fortes. Para Eymar, “a Sala dos Urubus [como é chamada a segunda] é a das obras mais pesadas”, mas é a que mostra como “o domínio da composição é simbólico e muito sólido, realista”. Os retratos enveredam por todos ambientes. Conhece-se se o lixo por meio de personagens como *Dona Lindomar*, a asmática tuberculosa que, evangélica, acreditava na cura porque pagava o dízimo do que ganhava com o lixo; ou como o *Menino do Buraco*, que era assim chamado porque nasceu num orifício. Além dos 53 desenhos misturados às telas, exibindo não apenas o esboço, mas o processo pelo qual o artista concebe a obra, a exposição apresenta um vídeo com imagens do Jangurussu retratado por Gadelha e do que se tornou esse lugar, ainda marcado pela poluição, mas menos degradante. (BATISTA, 2010)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Diário do Nordeste, Fortaleza, 20 de outubro de 2010.

BATISTA, Raphaele. Catadores do Jangurussu: imersão na vida. Blog Incursão. 2010 Disponível em <http://incursao.wordpress.com/tag/descartes-gadelha/>

CARVALHO, Ana. Os Museus e o Patrimônio Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas. Edições Colibri/CIDEHUS – Universidade de Évora. Coleção: Biblioteca Estudos & Colóquios, n.º 28. Évora, 2011.

COUTO, Maria de Fatima Morethy. Arte engajada e transformação social: Hélio Oiticica e a exposição Nova Objetividade Brasileira. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 25, n.º 49, p. 71-87, janeiro-junho de 2012.

GERHÄUSSER, Christina. La représentation des griots dans la littérature coloniale française (1815-1916). Mémoire de maîtrise d'histoire dirigé par le professeur Jean-Louis Triaud. Université de Provence, Aix-Marseille I. In: Clio en Afrique, n.º12 printemps 2004. Disponível em: <http://sites.univ-provence.fr/wclio-af/numero/12/sommaire12.html>

IZAIAS, Fabiana. A GUERRA DO LIXO: os catadores de lixo e a desativação do lixão do Jangurussu. Anais do XI Encontro Estadual de História do Ceará- ANPUH-CE, Quixadá, 2008.

MACEDO, Carlos. A oficina do Mestre Descartes Gadelha. Blog do Laprovitera - Coluna do Macêdo. Sábado, 25 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://laprovitera.blogspot.fr/2012/02/oficina-do-mestre-descartes-gadelha.html>.

PACHECO, Líllian. Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

SANTOS, Fátima Verônica. Contar histórias a partir da tradição Griot. GT Estudos da Performance – Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, disponível em <http://portalabrace.org/memoria/vicongressoestudosperformance.htm>

SOBREIRA, Geni. MAUC – Catadores de Jangurussu – Descartes Gadelha. Blog Turismo Cultural Sustentável de base Comunitária. Em 19 de outubro de 2010. Disponível em <http://genisobreira.blogspot.fr/2010/10/o-museu-de-arte-da-universidade-do.html>

SOBREIRA, Geni. Apresentação do Maracatu Solar e Catadores do Jangurussu - Obras de Descartes Gadelha nesta Segunda 18/10 no MAUC. Blog Turismo Cultural Sustentável de base Comunitária. Em 15 de outubro de 2010. Disponível em <http://genisobreira.blogspot.fr/2010/10/apresentacao-do-maracatu-solar-e.html> b

SOLAR. Associação Cultural Solidariedade e Arte. Maracatu Solar. Blog <http://ong-solar.blogspot.fr/>